

**INSTITUTO TECNOLÓGICO DE AERONÁUTICA
IEI – DIVISÃO DE ENGENHARIA CIVIL
DEPARTAMENTO DE EDIFICAÇÕES**

Disciplina: Arquitetura e Urbanismo – EDI - 64

Série – 1º e 2º Ano

Carga Horária Semanal: 02 Teoria / 01 laboratório – 03 h/aula

Segunda - feira – 1º Semestre 2007 Resp: Profº. Arqtº Emmanuel Antonio dos Santos

Notas de Aula_04_2007

O Ecletismo

Uso ou mistura de estilos do passado ocorrido na 2ª metade do séc. XIX

“Em arquitetura, o movimento ou a tendência resultante da falta de originalidade e de caráter na obra arquitetônica que surge em determinado momento no qual existe o embate de idéias e o conflito de culturas. O período mais caracteristicamente eclético da arquitetura foi o fim do Século XIX onde os estilos arquitetônicos até então existentes não conseguiram exprimir a realidade e não fixaram-se como manifestação cultural. Daí o aparecimento da renovação arquitetônica, que, com bases objetivas, foi se desenvolvendo para alcançar enormes proporções, evidenciando uma grande arquitetura. A tendência eclética pode prejudicar bastante até mesmo a arquitetura contemporânea, se for iniciada em nossos dias.” (Fonte: Corona & Lemos, Dicionário da Arquitetura Brasileira, Edart, SP, 1972)

Em fins do século XVIII é que parece termos atingido realmente a chamada era moderna, que os historiadores afirmam ter começado desde o séc. XV durante o período da Renascença e após a descoberta da América por Colombo em 1492. A tão discutida era moderna realmente deflagrou quando a Revolução Francesa de 1789 pôs fim a tantos pressupostos que haviam sido tomados por verdadeiros até então. A queda da monarquia na França e a instalação do Império, a influência de Napoleão se estendeu até as Américas vindo interferir com o processo de lutas que geraram a independência de algumas colônias aqui. A Revolução industrial foi outra das revoluções que criou e reforçou as rupturas desse mundo moderno com o passado.

Dentre as inúmeras mudanças ocorridas, estão as que se referem às idéias do homem sobre a arte e à atitude do artista em relação ao que se chama estilo. Há um personagem numa das comédias de Molière que fica atônito quando lhe dizem que falou em prosa durante toda sua vida sem o saber. Em épocas passadas os artistas faziam suas obras de acordo com o que achavam certo ou porque tinham que ser assim, não questionavam se seguiam alguma tendência, acreditavam que suas obras eram praticadas ao seu gosto pessoal, sem influências externas ou algum compromisso estético pré-estabelecido. Mas, já no séc. XIX a questão estilo tomou novo rumo. Procurava-se ora seguir o ideal de regras da arquitetura clássica estabelecido nos livros de Palladio, ora questionar o uso desse ideal e empenhar uma volta romântica ao passado através de construções neo-góticas ou de inspiração oriental.

Alguns arquitetos procuravam seguir influências de diversos estilos em uma única construção, utilizando influências do barroco, arte oriental, clássico e também dos recém-surgidos art decor e art nouveau. O mundo ocidental caminhava para um futuro diferente

a passos rápidos, mas algumas pessoas acreditavam não ser preciso pensar nisso seriamente e olhar a arquitetura como resultado das necessidades e do modo de vida do homem daquele momento. Construíam prédios com tecnologia sofisticada da época, atendendo por vezes a necessidades funcionais que já se impunham, mas traziam um passado estranho aquela realidade para revestir suas fachadas. A arquitetura Eclética tem para a história grande valor porque relata esses momentos de profundos paradoxos na vida do homem moderno.

A casa urbana brasileira, uma tipologia de construção nova para a época. Acontecia um crescimento rápido de muitas cidades brasileiras, de maneira que no início do séc. XX, a casa passa a ter sua fachada principal alinhada à testada do lote, ganha um acesso e varanda laterais e comumente é geminada com sua vizinha. Os portões e gradis são de ferro e essa casa pode receber ainda uma profusão de influências de períodos distinto do passado.



A presença do porão é comum na época. Balaústrada na platibanda e cornija logo abaixo, clássicas. Padieira em forma de cornija acima das janelas também é clássica, mas o elemento ornamental rebuscado quebra a formalidade comum ao clássico. Os caixilhos das janelas e a cor da casa denotam a presença do art decor. Esse ecletismo, mesmo que discreto, acompanha a arquitetura brasileira até a década de trinta do séc. XX. O uso de cores fortes é uma influência da proposta contemporânea do art decor, que por sua vez ganhava inspiração no uso de cores mais agressivas do movimento fovista da pintura moderna. Os gradis de ferro são presença quase obrigatória nos prédios da época.



Presença de platibanda em concreto com desenhos geométricos imitando os que eram produzidos nos gradis de ferro tão em moda, traços do art decor. Acima das janelas surge uma surpreendente padieira ornamentada com a famosa concha do Barroco e Rococó. Estilos, histórias, memórias e épocas que se misturam e incrivelmente se fundem, aqui, no ecletismo.

Carlos Lemos

O historiador e arquiteto é um dos maiores conhecedores da arquitetura eclética brasileira, muito popular entre o final do século XIX e início do século XX. Os estilos do ecletismo (neogótico, neoclássico, por exemplo) eram, em geral, inspirados em estilos históricos, do passado. Na cidade de São Paulo, um dos principais promotores do ecletismo foi o escritório dirigido por Ramos de Azevedo. De lá saíram obras como Teatro Municipal e o Mercado Municipal de São Paulo. Carlos Lemos conta que a biografia que escreveu de Ramos de Azevedo (*Ramos de Azevedo e seu escritório*), nasceu para corrigir um erro tipográfico presente em seu livro anterior, *Alvenaria burguesa*, e compara a mistura de estilos promovida pelo ecletismo com a cultura contemporânea em tempos de globalização

O ecletismo foi uma fatalidade universal. Talvez uma das primeiras manifestações da globalização. O ecletismo poderia ficar restrito à França ou à Inglaterra, onde houve uma celeuma a respeito de revitalização de estilos passados. A França só aceitava o neoclássico e não admitia mais nada, e os ingleses estavam propensos a fazer um gótico mais moderno, no primeiro quartel do século XIX.

E essa discussão ficou entre os acadêmicos: o que vale? o neoclássico ou o neogótico? Então surgiu o emprego de uma palavra da filosofia para classificar as várias manifestações da arquitetura: ecletismo. Na filosofia isso significa tolerância de mais de uma idéia. As idéias não podem ser excludentes. O ecletismo aconselhava que fossem aceitos ambos os estilos. E a palavra ecletismo assumiu de tal forma essa briga que, de repente, surgiu o comportamento eclético, que assumia a história artística de todos os países ou o ecletismo histórico.

E correu o mundo. Talvez devido a facilidade de comunicação já advinda da revolução industrial, telégrafo, imprensa, fotografia, vários motivos que levaram à internacionalização da arquitetura. Na segunda metade do século XIX, praticamente se construía igual no mundo inteiro, evidentemente com personalidade e muito caráter em certos locais, como Gaudi, por exemplo, e outros arquitetos de Barcelona, que participaram de um ecletismo *sui generis*. Durante o ecletismo, também houve uma corrente tradicionalista, aquela que continuou até o fim do século XIX a cultivar o neoclássico. Gente que não mudou de idéia, desde o tempo de Napoleão.

Resumo geral referente ao ecletismo:

- De certa maneira é uma revisão dos estilos anteriores de forma mesclada e com inovações na técnica e na concepção;
- Em 1837 criou-se na França a Comissão dos Monumentos Históricos, que chamou a atenção para a arquitetura medieval;
- Aqui o neoclássico se enriquece de motivos em leque e arcadas;
- São arquitetos clássicos que, ‘em nome da própria antiguidade’, tentam progredir utilizando os novos materiais e adaptando-se às peculiaridades do clima, bem como das funções;
- Um exemplo conhecido é o Teatro Municipal do Rio de Janeiro;



- As campanhas antro-po-arqueológicas ao Egito introduzem as esfinges, lótus, etc.
- Da Antiguidade são buscadas as colunatas da Roma imperial; da Grécia antiga são trazidos os pórticos dóricos;
- Os temas alegóricos e exóticos são usados à exaustão;
- O estilo trovador (Medieval) e o gótico, agora chamado ‘catedral’, aparecem a partir de 1820;
- Emprega-se, ‘desrespeitosamente’, diversos materiais sem função alguma, a policromia e a acumulação ornamentativa e de estilos do passado;
- Surgiu na 2ª metade do século XIX, e sua tipologia mais conhecida é a Ópera de Paris, de Charles Garnier (1861-1875);



- Seu ressurgimento esteve ligado à leitura das trovas medievais e ao culto do pitoresco;
- Esse novo e ‘traduzido’ gótico é estranho e insólito, mesclado a motivos medievais e árabes;
- Foi empregado principalmente como alternativa ao neoclássico na construção de grandes igrejas;
- As guerras napoleônicas fortaleceram os nacionalismos na Europa anglo-saxã, que optou definitivamente pelo neogótico em detrimento do neoclássico, associado à cultura francesa;
- Assim, o Parlamento Inglês é considerado o maior monumento de reviviscência gótica;
- Já os estilos neobarroco e neo-renascentista substituíram de vez o neoclássico em meados de 1850 até 1880; ambos estão resumidos na Ópera de Paris;
- No Rio de Janeiro o Castelinho na Praia do Flamengo e a sede do Instituto Osvaldo Cruz são exemplos claros dessa mescla de estilos a partir de uma estrutura principal.
- Em Londres foi erguido o Palácio de Cristal, uma arrojada construção em ferro e vidro (1851), na verdade, uma grande estufa.

Bibliografia:

REIS Fº, Nestor G. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*. São Paulo, EDUSP, 2000, 411 p.

REIS Fº, Nestor G. *Evolução Urbana do Brasil: 1500 / 1720*. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo, PINI, 2000, 239 p.

Departamento de Patrimônio Histórico da PMSP.

Universidade Federal de Minas Gerais – Departamento de Arquitetura e Urbanismo.

Entrevista a Daniel Chiozzini e André Gardini . Arquiteto Carlo Lemos Prof. Dr. FAU USP. Revista Eletrônica do IPHAN.